

LINGUAGEM POÉTICA E MULTIMODALIDADE: UM ESTUDO DO POEMA *ROSA PARA GERTRUDE*, DE AUGUSTO DE CAMPOS¹

Lucélio Dantas de Aquino²
Francisco Roberto da Silva Santos³

RESUMO: A partir de um estudo interdisciplinar, analisamos o poema concreto *Rosa para Gertrude*, de Augusto de Campos, mesclando teorias literárias que fomentem os estudos de poemas/poesias e teorias lingüísticas que estão em voga nos estudos acerca dos gêneros textuais. Sendo assim, utilizamos as teorias literárias abordando o conceito de desautomatização da linguagem promovido pela discussão dos formalistas russos e dos estruturalistas tchecos e, na seqüência, fizemos uso dos estudos da sobre o *design visual*, de Kress e van Leeuwen (2006), ou melhor, a teoria da multimodalidade discursiva, percebendo como a relação palavra e imagem se justapõe nos poemas concretos para construir seu sentido global. A partir de nossas análises, comprovamos que o poema é detentor de uma linguagem que foge ao cotidiano, causando a primeira vista um estranhamento no leitor, mas que é alicerçado pela forma e disposição que o sentido se materializa no poema, além de contar com outros recursos como a forma circular dos anéis cor de rosa ao fundo do texto e formatação das letras que suscitam o desabrochar da rosa, representando a entrega da mesma à poetisa Gertrude Stein, também, “deslineariza” a leitura do poema fazendo com que o leitor percorra outros caminhos, nesse caso, a leitura é circular. Portanto, acreditamos que não seria possível se fazer uma leitura desse poema se deixássemos de lado os demais recursos que compõem o todo, bem como os elementos extra-lingüísticos e composicionais presentes no texto.

PALAVRAS CHAVE: Desautomatização da linguagem, multimodalidade discursiva, poema concreto.

ABSTRACT: *In this interdisciplinary study, we analyze the concrete poetry Rosa para Gertrude, by Augusto de Campos, mixing literary theories that foment the studies about poems/poetries and linguistic theories that are in season in the researches about textual genres. Thus, we have used the literary theories which approach the concept of desautomatization of language promoted by the discussion of the Russian formalists and Czech structuralists and, later, we have used the studies about visual design, by Kress & van Leeuwen (2006), or in a better meaning, the theory of discursive multimodality, noticing how word and image go together in the concrete poetries in order to construct its global meaning. From our analyzes, we have confirmed that the poem have a language that differs from the daily language, causing, at first glance, a estrangement to the reader, but which is based by the form and disposition that the meaning materializes in the poem. Besides, the text also figures on other resources*

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, resultado da disciplina Tópicos em Estudo do Texto e do Discurso, ministrada pelo Prof. Dr. Andrey Pereira de Oliveira.

² Mestrando em Letras do PPGL/UERN e bolsista CAPES.

³ Mestrando em Letras do PPGL/UERN.

such as the circular form of the pink roses at the background of the poem and the shape of the letters which suscitates the unclasping of the rose, representing the offering of the rose to the poet Gertrude Stein. The composition of the poem also makes the reading to be not linear, but circular, what obligates the reader to go through other ways. Thus, we believe that doing a linear reading of this poem would not be possible if we omit the other resources that compose the whole, as well as the extra-linguistic and compositional elements of the text.

KEYWORDS: *Desautomatization of the language, discursive multimodality, concrete poetry.*

Palavras iniciais

*Um lingüista surdo à função poética da linguagem
e um especialista em literatura indiferente aos problemas lingüísticos
e ignorante dos métodos lingüísticos são, um do outro,
flagrantes anacronismos.
(Roman Jakobson)*

O presente estudo visa, a partir de um estudo interdisciplinar, analisar o poema concreto *Rosa para Gertrude*, de Augusto de Campos, mesclando teorias literárias que fomentem os estudos de poemas/poesias e teorias lingüísticas que estão em voga nos estudos acerca dos gêneros textuais, uma vez que consideramos a poesia⁴ enquanto gênero, conceito que exploraremos posteriormente.

Sendo assim, utilizaremos as teorias literárias para abordar o conceito de desautomatização da linguagem fomentado pela discussão dos formalistas russos e dos estruturalistas tchecos e, na seqüência, faremos uso dos estudos sobre o *design* visual, de Kress e van Leeuwen (2006), ou melhor, a teoria da multimodalidade discursiva, percebendo como a relação palavra e imagem se justapõe nos poemas concretos para construir seu sentido global.

Para tanto, faz-se necessário que discutamos as teorias bases antes de procedermos às análises do poema supracitado.

⁴ Utilizamos os termos poema e poesia para tratarmos do mesmo gênero, haja vista que não se tem uma diferenciação clara a respeito de definição destes gêneros.

1. A linguagem na poesia: do estruturalismo tcheco ao formalismo russo

A poesia literária vem, há muito tempo, sendo tomada como um tipo de texto utilizado para expressar sentimentos – visão romancista da poesia – e como forma figurada de explorar caminhos não possíveis num plano real da linguagem. Porém, os estudos sobre como a linguagem é concebida atualmente, ou seja, para além do plano da comunicação, sugerem que, se aplicamos esse conceito à poesia e sendo essa forma de materialização da linguagem um instrumento que vai além do revelar posições e sentimentos, então a poesia denota um caráter inovador, uma vez que ela se utiliza de recursos que inquietam pela sua complexidade, tanto podendo ser por este lado complexo da linguagem interno ao signo quanto pela imagem que criamos em razão de sua disposição no fazer poético.

Em se tratando da linguagem poética, Mukařovský (1978, p. 153-154) afirma que esta “é uma das criações lingüísticas *funcionais* que se distingue das demais pelo fato de que não utiliza os meios lingüísticos para finalidades comunicativas, mas para uma autofinalidade estética”⁵. Sendo assim, mesmo compreendendo que a linguagem poética não é, por obrigação, comunicativa, “a ciência estrutural literária não estuda apenas a linguagem poética, mas ainda a sua relação com a linguagem comunicativa como totalidade e com os seus aspectos funcionais regulares” (MUKAŘOVSKÝ, idem, p.154).

Com base nessas afirmações, vemos que a linguagem na poesia se constitui em uma correlação entre duas manifestações da linguagem: *a linguagem enquanto manifesto estético* e *a linguagem enquanto manifesto de comunicação*. Isto é, a imbricação dessas duas formas de revelar a linguagem é que gera esse conceito de poeticidade anteriormente apresentado nas palavras de Mukařovský e que a faz significar funcionalmente na poesia por meio de aspectos singulares.

Como vimos, a poesia é uma manifestação da linguagem e esta não é opticamente apreendida pelos formalistas como uma manifestação da comunicação cotidiana, mas como algo capaz de causar estranhamento no leitor pela capacidade polissêmica que comporta.

⁵ Grifos do autor.

Nas palavras de Chklovski (1976, p. 40) “a poesia é uma maneira particular de pensar, a saber, um pensamento por imagens; esta maneira traz certa economia de energias mentais, uma ‘sensação de leveza relativa’, e o sentimento estético não passa de um reflexo desta economia”. Pensando por este viés, notamos que a poesia é uma forma de representação, ou melhor, de representar por imagem⁶ uma linguagem em sua forma desautomatizada, uma vez que a linguagem poética só adquire função estética pela oposição ao automatismo da linguagem cotidiana.

Corroborando com o pensamento de Chklovski, fazemos uso das palavras de Mukařovský (1997, p. 178) quando ele afirma que “o que é válido para a língua na poesia não o é para a língua real”. Essas palavras vão ao encontro da discussão antes estabelecida, na qual é por meio de uma desautomatização da linguagem que a poesia adquire função estética, pois a mesma perde o caráter cotidiano e cria imagens que vão significar linguisticamente na poesia.

Portanto, a linguagem empregada em textos poéticos é reveladora de um caráter estético a partir do momento em que relegamos do cotidiano aquilo que todos detêm sobre determinado signo e empregamos a este uma nova roupagem, configurando ao mesmo, através de uma percepção não convencional, uma imagem diferente da do real.

Como forma de prosseguir em nossa tentativa de analisar um poema concreto pela visão desautomatizadora da linguagem e da multimodalidade discursiva, cabe-nos agora fazer uma breve exploração da função poética, na visão jakobsoniana, do gênero poesia concreta – objeto de nosso estudo –, e da multimodalidade para, enfim, procedermos às nossas análises.

2. Função poética, poesia concreta e multimodalidade discursiva

Jakobson (1991) em seu texto *Lingüística e poética* apresenta, antes de discutir com mais propriedade a função poética, os fatores lingüísticos que determinam as funções da linguagem, dentre as quais está a função anteriormente citada.

⁶ Adotamos aqui o conceito de **imagem** fornecido pelo dicionário eletrônico de literatura *E-dicionário de termos literários* que conceitua imagem como uma “representação mental de uma realidade sensível que funciona como um recurso lingüístico em textos literários, quando se faz a associação inconsciente ou indirecta de dois mundos ou realidades separadas no tempo e no espaço”.

Dessa forma, Jakobson vai nos dizer que a função poética está atrelada ao fator lingüístico da *mensagem*, pois, segundo este teórico, “essa função não pode ser estudada de maneira proveitosa desvinculada dos problemas gerais da linguagem” (1991, p. 128). Isso se dá pela presença constante dessa função nas práticas em que envolvem a linguagem e, sendo a poesia uma manifestação desta, conseqüentemente sua presença é indispensável na sua composição, embora o referido autor afirme que não devemos vincular a função poética somente a poesias. Em parte, concordamos com ele, mas acreditamos que esta seja uma função peculiar a este tipo de texto, independentemente da forma como ele se apresente, quer pela lírica métrica tradicional, quer pela manifestação concretista do poema visual.

Logo, faz-se necessário definir o poema visual, pois esta variação do gênero traz em suas subjacências uma “idéia de arte como *techné*, como atividade produtora” (BOSI, 1994, p. 532), isto é, produção de linguagem por meio de técnicas.

Na poesia concreta, portanto, uma característica que é subjacente aos processos que a compõem é segundo Bosi, “o da substituição da estrutura frásica, peculiar ao verso, por estruturas nominais; estas, por sua vez, relacionam-se espacialmente, tanto na direção horizontal como na vertical” (1994, p. 533). Sendo assim, estes textos quebram com a idéia de métrica, podendo ocupar os espaços da página de forma não-linear.

Intrigante, porém oportuna, é a observação de Bosi sobre a base na qual se pauta a fundação do concretismo, conforme citamos:

O argumento de fundo é o mesmo e tem a chancela do mal-amado historicismo: o tempo que vivemos são outros, tempos de técnica e de comunicação maciça, tempos em que outra é a percepção da realidade [...]; logo, tempos em que já não faria sentido o uso da unidade versolinear nem o da frase. (1994, p. 537)

Essa posição de Bosi só vem ressaltar mais uma realidade vigente, pois com a aceleração da vida humana a leitura de poesias pode ter se desgastado pela complexidade e estrutura linearizada. Sendo assim, a linguagem concretizada em imagens atrairia a atenção do leitor e despertaria neste o interesse pela leitura de poesias como a de Augusto de Campos, que não falam somente pela palavra, mas pelas imagens criadas por meio delas.

O poeta Augusto de Campos⁷ faz parte do conjunto dos brasileiros adeptos ao movimento concretista, contrariando a estética dos anos 40 em que se valorizava o convencionalismo da forma literária. Este autor participou da organização da Primeira Exposição Nacional de Arte Concreta (Artes Plásticas e Poesia), no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Com isso, vemos a sua importância para o *status* atual da poesia concreta no Brasil, configurando como um autor não somente de belas palavras, mas de construções visuais poetizadas.

Visando corroborar com a teoria dos poemas concretos, nos quais o visual também é representativo da linguagem poética, apresentamos o conceito de multimodalidade postulado por Kress e van Leeuwen (2006, p. 17), para quem a “linguagem e comunicação visual expressam significados pertencentes a uma dada cultura e isso resulta em um considerável grau de congruência entre elas, mas cada uma tem suas possibilidades e limitações”. Isso implica dizer que mesmo nem só a linguagem dá conta de toda a significação e nem só a imagem visual é capaz de tal generalização significativa; o que é proposto por estes estudiosos é que a linguagem e a imagem devem caminhar lado a lado para comporem os sentidos de um dado texto.

Complementando essa discussão com o pensamento de Dionísio (2005), que afirma ser todo gênero textual um texto multimodal, compreendemos então a poesia, especificamente a concreta, como um gênero multimodal, pois reúne em sua composição mais de um modo semiótico. E, ainda, segundo afirma essa estudiosa, “os meios de comunicação de massa escritos e a literatura são dois espaços sociais de grande produtividade para a experimentação de arranjos visuais. Como exemplo da literatura, basta pensarmos nos poemas concretos” (DIONÍSIO, 2005, p. 191).

Por serem espaços que permitem a maleabilidade na produção, tal ação requer que a leitura também seja repensada e resignificada, haja vista a necessidade de darmos conta de uma leitura não-linear como propõe Kress e van Leeuwen (2006) ao tratar dos trajetos de leitura. Segundo eles as leituras podem ser lineares e não-lineares. Nesta última categoria, a leitura pode ocorrer por trajetos circulares, diagonais, espirais, dentre outras.

Desse modo, numa leitura não-linear em que, por exemplo, o trajeto de leitura for *circular*, “pode-se lê-lo de dentro para fora, em círculos concêntricos, a partir de uma mensagem

⁷ As informações sobre o autor foram coletadas da página da internet *releituras*, projeto desenvolvido por Nogueira Jr.

central que forma o coração, digamos, do universo cultural” (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006, p. 219). Como mencionado, tal leitura irá requerer um esforço cognitivo maior do leitor para a compreensão do que ali se encontra expresso.

Desta forma, fechamos a nossa discussão teórica ancorados pelo princípio da desautomatização da linguagem como forma de categorizar esteticamente a linguagem poética e por noções outras como a multimodalidade discursiva como procedimento de análise de textos, posto que todo texto envolva dois ou mais modos semióticos em sua composição.

3. Desenhando com palavras

A produção dos poemas concretos aparece-nos, numa análise mais preliminar, como um jogo de palavras, no qual Augusto de Campos brinca com as letras, escrevendo de uma maneira que elas transmitam a mensagem desejada não apenas pelo seu significado, mas também pela imagem que elas compõem.

Essa forma diferente de trabalhar com a linguagem corresponde ao processo de desautomatização, uma vez que se desconecta da visão romântica de poesia como uma representação alegórica do sentir do autor. Mesmo que tratando de um sentimento amoroso na composição da poesia concreta, a linguagem, tal como sendo empregada, causa um estranhamento no leitor e isso a configura como uma forma de manifestação diversa da língua cotidiana.

A desautomatização da linguagem, conforme nosso estudo dirá mais adiante, também se apresenta pela forma de empregar movimento à palavra, causando nas mesmas um efeito inesperado de imagens que encerram sentidos na poesia concreta, além, é claro, de se constituírem como multimodais.

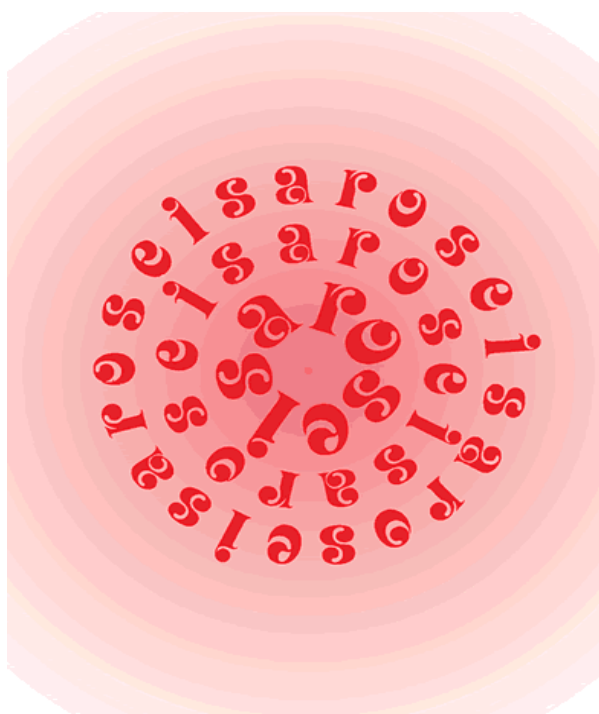
É importante ressaltar aqui que apesar de buscarmos analisar o texto pela perspectiva do formalismo, ou seja, privilegiando os aspectos formais (lingüísticos e composicionais) do poema de Augusto de Campos, não ignoraremos os elementos extra-literários, ou seja, aqueles que extrapolam os limites do texto e atingem o contexto em que ele foi escrito.

Por tratarmos, também, de multimodalidade discursiva, vale dizer que quando temos como objeto um texto qualquer, considerando-o desde a sua composição até a forma como é lido,

devemos sempre levar em conta os recursos multimodais empregados, conscientemente ou não, por seu produtor para exprimir significação, mesmo que os sentidos só possam ser percebidos ideologicamente.

Passemos, portanto, à análise do poema intitulado *Rosa para Gertrude*.

Poema – Rosa para Gertrude



Fonte: <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>

Conforme Kirchof (2007), em sua análise, este poema “trata-se de um intertexto dos famosos versos de Gertrude Stein, *A rose is a rose, is a rose, is a rose*, que inspiraram alguns semioticistas a procurarem pelo valor estético da iteração”. É interessante essa elucidação com base em Kirchof para nos situar no contexto de produção do poema, porém o que nos interessa está voltado para o fato da desautomatização da linguagem que ocorre no texto, haja vista que trata da *rosa* citada no título, pois as palavras que compõem o texto escrito em inglês são as seguintes: *is a rose*. Esta sentença é um recorte dos versos de Stein, ou seja, o eu-lírico do texto de Augusto de Campos constitui o seu poema com base num trecho, fazendo-o significar de

forma poética pela desautomatização da linguagem cotidiana em parceira com o visual, garantindo, assim, o *status* de arte.

Embora compreendamos que a leitura desautomatizada do escrito acontece na seqüência *is a rose*, podemos também desenvolver outra leitura, que acontece pela seguinte organização; *a rose is*. Esta representando a visão que o poeta tem da escritora Stein, de que *Uma rosa é Gertrude Stein*; e aquela aponta para o fato de significar o concreto, ou seja, afirma que o que se vê ali em forma de imagem é realmente uma rosa: *É uma rosa*.

Outra leitura possibilitada pela distribuição circular do texto escrito é *A rose is a rose* (sendo que aqui temos que repetir, em nossa leitura, o trecho *a rose*). E repetindo ainda duas vezes mais o trecho *is a rose* aproximamo-nos do famoso verso de Stein. Dessa forma, vemos que, no poema de Campos, temos a reprodução do sentido de ênfase dada ao objeto rosa – e conseqüentemente ao significado de romantismo que o acompanha – que a repetição do vocábulo transmite. Porém, poderíamos, pelo caráter circular da leitura, que é peculiar ao poema concreto de Campos, ir ainda mais além e continuar repetindo o mesmo verso infinitamente, reforçando assim ainda mais a idéia de ênfase ao objeto rosa: “*A rose is a rose, is a rose, is a rose, is a rose, is a rose...*”

Sob a perspectiva puramente visual, observamos que no centro do poema existe um ponto mais forte. Este seria o botão da rosa onde se prendem as pétalas, formadas pelas letras que compõem os versos *is a rose*. Esta expressão, que vai aos giros compondo o restante do texto, transmite a imagem de uma rosa se abrindo, ou seja, realizando um movimento de dentro para fora.

O mesmo efeito criado pela leitura também se dá de fora para dentro, isto porque, o círculo composto pela tripla repetição da sentença gera uma espécie de pétalas menores pela distância que mantém do botão central. O mesmo ocorre com a segunda seqüência repetitiva de *is a rose*. Porém, a expressão do centro, próxima ao botão, dá impressão de pétalas maiores. Por conseqüência, o desabrochar da rosa se torna mais visível. Algo que colabora para o efeito de abertura é a multicoloração ao fundo do texto, pois de acordo com a suavização que a cor rosa vai aparecendo proporciona a visualização do texto em proporção de cores, vindo mais forte do centro para as bordas.

Nesse ínterim, uma leitura, hoje, não pode prescindir das diversas possibilidades de constituição textual, por isso é necessário dar conta dos outros modos de leitura para melhor interpretarmos e abstrairmos as significações de um texto seja este verbal ou imagético. Nesse sentido, a organização em círculo da poesia *Rosa para Gertrude* também requer um trajeto de leitura circular, pois a mensagem do poema virá de dentro para fora e vice-versa.

A concepção de trajeto de leitura circular contribui com a análise apresentada antes com base na desautomatização da linguagem, por isso, complementamos a nossa análise por meio da multimodalidade discursiva, pois só assim conseguiremos visualizar essa significação anteriormente exposta pela relação estabelecida entre a expressão *is a rose* e a imagem que sua utilização constrói – a imagem de uma rosa. Confirmamos isso pelo fato de que se tivéssemos esse poema escrito de forma linear, ele não apresentaria a mesma significância. Vejamos:

Rosa para Gertrude

Is a rose

Is a rose is a rose

Is a rose is a rose is a rose

Nessa disposição a poesia não apresenta o mesmo sentido da anterior que está concretizada pela disposição em círculo, nem muito menos se faz atrativa aos olhos do leitor, embora permaneça opticamente pequena. Nesses termos, a desautomatização da linguagem também se dá pela disposição da linearidade da palavra e, é por esta “deslinearização” que o poema ganha o visual que corrobora numa relação de complementaridade com o seu sentido global.

Além dos modos verbal e visual, o poema se utiliza de outros recursos em sua composição: as cores e o formato da letra; estes, por sua vez, são usados no texto com propósito de estabelecer uma relação com o que se deseja concretizar, no caso o objeto *rosa*, figurativamente representado pela nossa percepção visual, que além de associar o róseo a este objeto, sente o movimento da imagem pela gradação dos diversos tons de róseo que vão clareando a medida que se projetam para fora do centro, como já mencionamos. Ao que nos parece, o autor utiliza essa projeção para, realmente, efetivar a entrega da rosa a Gertrude.

As letras também parecem ter movimento pela sua formatação arredondada, pois até mesmo a letra “i” que tem formato longilíneo apresenta um aspecto maleável pela fonte (tipografia) escolhida na formatação. Esse efeito, que também é multimodal, aparece como forma de complementar o movimento do desabrochar.

O formato arredondado da fonte escolhida, somado à suavidade que transmite seu traço, também remetem ao leitor, por meio de uma relação metafórica estabelecida pelo leitor a partir de suas experiências físicas, a forma de uma pétala. Isso só contribuirá para a impressão de “aparência com uma rosa” causada pela composição visual do texto.

Outro recurso utilizado pelo poeta é o formato circular que as variações em gradiente da cor rosa formam ao fundo do texto, pois esse formato dialoga com a disposição das palavras que obedecem ao contorno dos círculos. A gradação da cor rosa gera um efeito de diluição, dissolução, lembrando, metaforicamente, um doce perfume dispersando-se no ar. Isso adiciona à imagem da rosa produzida pela composição, o elemento olfativo, como se o leitor pudesse perceber a essência que a rosa exala.

Além disso, esse fundo cria, podemos dizer, um clima magnetizante, lembrando um *hypno disc* [Figura 1], instrumento utilizado na arte da hipnose. Dessa forma, é como se o eu-lírico tentasse produzir um efeito hipnótico sobre o leitor, forçando-o a ingressar na atmosfera romântica do poema, como se entrasse em um transe.

Figura 1 – Hypno-disc.



Fonte: www.istockphoto.com

Esse sentido também é corroborado pelo texto verbal. A repetição dos versos “*A rose is a rose is a rose is a rose...*” pode ser recebida pelo leitor como um mantra que tentasse controlar sua mente e seduzi-lo. Nesse sentido, o leitor fica enfeitiçado com o encantamento lançado pelo poema (através de seus elementos verbais e também não-verbais), do mesmo modo como uma mulher apaixonada se sente ao receber uma rosa.

Concretizando em palavras finais

Acreditamos que, ao fim de nossa análise, conseguimos alcançar o objetivo deste trabalho: mostrar, através da linguagem poética e da multimodalidade, que o poema concreto constrói seus sentidos a partir de uma relação estabelecida entre o verbal e o visual.

Comprovamos, portanto, que o texto analisado, *Rosa para Gertrude*, de Augusto de Campos, é detentor de uma linguagem que foge ao cotidiano, causando, à primeira vista, um estranhamento no leitor, o qual é alicerçado pela forma e disposição com que o sentido se materializa no poema, além de contar também com outros recursos, como a forma circular dos anéis róseos ao fundo do texto e a formatação das letras que suscitam o desabrochar da rosa,

representando a entrega da mesma à poetisa Stein, uma vez que este propósito fora previamente anunciado no título do poema.

Por fim, acreditamos que não seria possível se fazer uma leitura linear desse poema, garantindo a mesma significação que a sua forma concreta. Nesse sentido, a leitura circular é fundamental para que consigamos interpretar e construir os sentidos possíveis, além, é claro, dos demais recursos que compõem o texto, tais como os elementos extra-lingüísticos e composicionais como cores e formatação.

Referências

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAMPOS, Augusto de. **Rosa para Gertrude**. Disponível em: Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

CEIA, Carlos. “Imagem”. *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/I/imagem.htm>>. Acesso em: 21 de agosto de 2008.

CHKLOVSKI, Viktor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio. (org). EIKHENBAUM, Boris. *et al* . **Teoria da literatura: Formalistas russos**. 2 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. A.; DIONÍSIO, Ângela Paiva. (orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 177-196.

Hypno-disc. Disponível em: <http://www.istockphoto.com/file_closeup/concepts-and-ideas/communication/5087848-classic-hypno-disc.php?id=5087848> Acesso em: 18 de junho de 2009.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

MUKAŘOVSKÝ, Jan. **Escritos sobre estética e semiótica da arte**. Lisboa: Editorra Estampa, 1997.

_____. O estruturalismo na estética e na ciência literária .In: TOLEDO, Dionísio (org). **Círculo lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia**.. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

KIRCHOF, Edgar Roberto. **Intermedialidade na poesia de Augusto de Campos: do impresso ao eletrônico**. Disponível em: Disponível em: <http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/43/626.pdf>>. Acesso em: 22 de agosto de 2008.

KRESS, Gunther; van LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. London and New York: Routledge, 2006.

NOGUEIRA JR, Arnaldo. **Ferida**. Disponível em: Disponível em: http://www.releituras.com/adecampos_menu.asp>. Acesso em: 22 de agosto de 2008.